



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

Instituto de Matemática, Estatística e Física – IMEF

Curso de Licenciatura em Ciências EaD

Trabalho de Conclusão de Curso



## SOU ADOLESCENTE, E AGORA? O ESTUDO DA ADOLESCÊNCIA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM JULIANA

Géssica Giovana Terra Rosca<sup>1</sup>

Daniel da Silva Silveira<sup>2</sup>

Júlia Guimarães Neves<sup>3</sup>

**Resumo:** Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca relatar uma experiência vivenciada no espaço da escola com vista à construção interligada de aprendizagens sobre corpo, gênero, sexualidade, diversidade e respeito, realizada na Escola de Ensino Fundamental Marcilio Dias, com alunos de 8º/9º ano, no Município de Mostardas/RS. A intenção deste trabalho é apresentar o corpo adolescente não somente compreendido em sua dimensão biológica, mas também considerando os sentidos que produzem suas subjetividades, o falar, o saber ou ouvir, o cuidado, o respeito, o olhar depositado sobre si e sobre o outro. Neste sentido, trazemos a importância da escola e da prática do professor como mediador de novos olhares sobre a forma de compreender o corpo que, mais do que biológico, é social e culturalmente produzido. A experiência esteve orientada pela seguinte questão: Sou adolescente, e agora?, o qual possibilitou um espaço para a discussão sobre o ser adolescente a partir de questionamentos iniciais, desencadeadores da proposta: o que é ser adolescente? Como tem sido a adolescência? Para responder tais perguntas um personagem adolescente foi criado para dialogar com os alunos. A identidade deste personagem foi construída no coletivo, na intenção de que os estudantes se reconhecessem através do personagem adolescente. Dessa forma, o personagem Juliana, abre seu “Diário” e interage via *Facebook*, compartilhando mais alguns pensamentos e questões sobre adolescência, puberdade, corpo, gênero e sexualidade, convidando a turma para dialogar. Assim, esta experiência no âmbito escolar sobre a sexualidade na adolescência, sugere um novo olhar na orientação sexual, colocando a escola como ponto de partida em esclarecer as dúvidas dos adolescentes em torno desse assunto.

**Palavras-chave:** Adolescência. Escola. Sexualidade.

### Introdução

Compreendemos que para produzir aprendizagens sobre o corpo, sobre gênero e sobre sexualidade é necessário que este trabalho esteja imerso em um horizonte mais alargado, que reconheça o sujeito adolescente, em sua totalidade, buscando ir ao encontro das subjetividades adolescentes que constituem a forma como os alunos se percebem e vivenciam suas adolescências. Assim, neste artigo, buscaremos relatar

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de licenciatura em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG; gessyrosca@gmail.com

<sup>2</sup> Licenciado em Matemática; Mestre em Educação em Ciências. Orientador vinculado à Universidade Federal do Rio Grande – FURG. dssilveira@furg.br

<sup>3</sup> Licenciada em Biologia; Mestre em Educação; Coorientadora vinculada à Universidade Federal do Rio Grande – FURG. juliaaneves@hotmail.com

uma experiência vivenciada no espaço da escola com vista à construção interligada de aprendizagens sobre corpo, gênero, sexualidade, diversidade e respeito.

Na escola, os gestos, os sentidos, os movimentos, são produzidos pelos estudantes, tornando parte da construção e do reconhecimento de seus corpos. Dessa maneira, compreendemos que o corpo é:

[...] lugar da biologia, das expressões psicológicas, dos receios e fantasmas culturais, o corpo é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobre tudo, um objeto histórico'. (SANT'ANNA, 1995, p. 12).

A partir disso, a intenção deste trabalho é apresentar o corpo adolescente não somente compreendido em sua dimensão biológica, mas também considerando os sentidos que produzem suas subjetividades, o falar, o saber o ouvir, o cuidado, o respeito, o olhar depositado sobre si e sobre o outro. Neste sentido, trazemos a importância da escola e da prática do professor como mediador de novos olhares sobre a forma de compreender o corpo que, mais do que biológico, é social e culturalmente produzido. A partir de uma compreensão multifacetada sobre o corpo, como sugere Sant'anna (1995), buscamos discutir as questões de gênero e sexualidade no espaço escolar.

A pesquisa esteve orientada pela seguinte questão: **Como, a partir do reconhecimento da adolescência, trabalhar sobre o corpo, sobre gênero e sobre a sexualidade?** O contexto da pesquisa é a Escola de Ensino Fundamental Marcilio Dias. Trata-se de uma escola pequena, com atividades desenvolvidas do 5º ao 9º ano, localizada no terceiro distrito, na zona rural São Simão, no Município de Mostardas/RS.

A partir da questão apresentada, este trabalho tem por objetivo geral abordar a adolescência não restrita a dimensão biológica do corpo adolescente, mas no encontro com as subjetividades que constituem a forma como os alunos se percebem e vivenciam suas adolescências. Os objetivos específicos são: criar um personagem adolescente com a turma; compreender a adolescência a partir do diálogo com dilemas comumente vivenciados pelos adolescentes; e construir aprendizagens sobre a adolescência, o corpo, gênero e sexualidade.

## Aspectos teóricos-metodológicos

Comumente o corpo é trabalhado na escola no horizonte de sua constituição biológica. Souza (2013, p. 16) assinala que “em geral, quando falamos no corpo humano, partimos de uma visão biologicista [...]; amparamo-nos na sua fisiologia e anatomia, no seu micro funcionamento e constituição celular e genética”. Assim, o corpo na sala de aula é estudado com base nos seus ossos, músculos e cartilagens, nos seus tecidos, órgãos e sistemas, na discussão da higiene, da saúde e da doença.

Geralmente da escola e dos currículos escolares estão excluídas as emoções, os desejos, os prazeres. O corpo feminino e masculino, conforme falamos acima, é reduzido ao trabalho sobre os órgãos genitais que compõem esses sistemas. A exclusão destas sensibilidades que nos constituem acaba por oportunizar a criação de relações desrespeitosas com os colegas, demonstradas em gestos e palavras que se referem a zombarias, injúrias e ultrapassam o respeito ao outro, podendo causar transtornos e/ou desconfortos emocionais.

Em 2011, 6.809 violações de direitos foram registradas. No ano seguinte, saltaram para 9.982, um aumento de 46,6%. Ainda com relação aos dados do Disque 100, segundo o último balanço da Secretaria Especial de Direitos Humanos Rio grande do Sul, entre janeiro e abril de 2015, foram registradas 356 denúncias de violações de direitos humanos contra a população LGBT no país. Em 2014, foram registradas 1.013 denúncias<sup>4</sup>.

Estes dados de violências homofóbica são alarmantes. Diante desta realidade, a escola pode atuar legitimando os preconceitos sociais e culturais que distanciam as pessoas e geram desrespeito e violência. Mas, acreditamos que a escola pode ser o espaço de produção de aprendizagens sobre nossos corpos, a nossa sexualidade e constituição de gênero. Assim, a sala de aula pode configurar-se como local de conhecimentos sobre o reconhecimento da diversidade, construindo relações que unam as pessoas pelo respeito.

Compreendendo a importância da discussão desta temática no espaço escolar, a pesquisa foi realizada na Escola de Ensino Fundamental Marcílio Dias. A pesquisa foi

---

<sup>4</sup> Dados obtidos pelo Portal Brasil; Portal de notícias do Governo Federal: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/05/luta-contr-homofobia-avanca-na-ultima-decada>

originada de dois diferentes momentos vivenciados no curso de graduação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, a serem detalhados a seguir.

O primeiro encontro foi realizado no mês de outubro do ano de 2016, na microrregência oportunizada pela disciplina de Cotidiano VII, cursada no sétimo semestre da graduação. Nesta microrregência, em parceria com a professora regente da turma de 8º ano, em um movimento de reconhecimento da adolescência, foi trabalhado com a turma a construção de um personagem adolescente. A intenção da professora, na sequência desta microrregência, era trabalhar em torno dos sistemas genital masculino e feminino. Neste sentido, a microrregência intitulada: *Sou adolescente, e agora?*, possibilitou um espaço para a discussão sobre o ser adolescente a partir de questionamentos iniciais, desencadeadores da proposta: o que é ser adolescente? Como tem sido a adolescência? Estes questionamentos se inscrevem na compreensão de que “[...] existem múltiplas formas de ser adolescente” (QUADRADO, 2013, p. 12).

Na sequência do encontro, um personagem adolescente foi criado no diálogo com a turma. A identidade deste personagem foi construída no coletivo, na intenção de que os estudantes se reconhecessem através do personagem adolescente. Após a apresentação do personagem à turma e da construção identitária do mesmo, buscamos que este personagem “falasse” a turma, como forma de manter a proximidade entre os estudantes adolescentes e o personagem construído por eles. Assim, “o personagem abriu o seu diário”, levando a turma a primeira de suas reflexões sobre ser adolescente, suas sensações, o que tem sentido vontade de fazer, a compreensão do seu corpo, etc. O diário foi pensado como forma de, além de aproximá-los, convidar a turma para o diálogo. Após a leitura do primeiro fragmento do diário adolescente, passamos a conversa sobre a diferença entre os termos: adolescência e puberdade.

Compreendemos a puberdade como o momento de modificação do corpo masculino e feminino relacionado a maturação hormonal. Muitas vezes os conceitos de adolescência e puberdade são trabalhados juntos, como sinônimos. Todavia, entendemos que adolescência pode ou não comportar a puberdade e, conforme aponta Quadrado (2013) a adolescência é historicamente e culturalmente construída por um discurso entre os campos da biologia, que fala da adolescência como categoria de limite preciso relacionado a idade e da psicologia que relaciona a adolescência a sentimentos e comportamentos de rebeldia, dúvidas e incertezas. De acordo com Quadrado (2013, p. 12) esses discursos produzem o ser adolescente e para ela “vivemos em um tempo em

que não podemos mais estabelecer a adolescência como uma mera condição de idade; é preciso entendê-la como uma produção discursiva e heterogênea”. Desta forma:

Não existe adolescência como acontecimento biológico, psicológico, homogêneo e estático; existem adolescências, múltiplas, fluídas, mutáveis e heterogêneas, (re)construídas a cada momento nos diversos nós da rede social. (QUADRADO, 2013, p. 14).

Ancorados nesta compreensão de adolescência e com vista a ampliação de aprendizagens sobre o tema, no ano seguinte houve uma nova oportunidade de encontro com esta mesma turma. Agora os estudantes estavam no 9º ano, com idades entre 13 anos e 16 anos.

O segundo momento, ou seja, o reencontro com a turma a partir da prática nomeada: *Sou adolescente, e agora?*, oportunizou, neste momento, outras discussões. Se havíamos discutido o ser adolescente, as múltiplas formas de ser, agora passamos a compreender, com mais detalhes, a temática do gênero e da sexualidade.

Para este segundo encontro levamos para a sala de aula o personagem construído pela turma no ano anterior. Os questionamentos do personagem, no convite ao diálogo com a turma, agora estavam voltados a compreensão de um bloco formado por conceitos importantes ao estudo sobre gênero e sexualidade, em que trabalhamos os conceitos de sexo biológico e como ele é definido, o conceito de gênero e como ele é construído culturalmente e o conceito de orientação sexual.

Após o diálogo sobre estes conceitos e suas distinções, partimos para uma nova conversa mediada pelo personagem adolescente, intitulado “*Enquetes de um diário adolescente*”. Estas enquetes foram retiradas do material encontrado no livro publicado pela Editora da FURG no ano 2013 nomeado *Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar*, das autoras Paula Regina Ribeiro e Raquel Pereira Quadrado. O artigo intitula-se “Se fosse comigo, eu...” e é de autoria de Benícia Oliveira Silva. Os questionamentos foram trazidos como falas do personagem a turma, e traduziram-se em dilemas vivenciados pelo personagem, comumente vividos pelos adolescentes, partilhados, criados e recriados no diálogo com a turma.

Próximo ao término do encontro, como síntese do aprendido, levantamos a questão de que o conhecimento sobre esta temática precisa levar a uma educação pautada no respeito ao outro. Para isso, a mensagem final do encontro foi: *respeito consigo, respeito com o outro: somos todos diferentes!!!*

A culminância do encontro ocorreu através de uma *caixa avaliação* onde os estudantes da turma expuseram suas percepções sobre os encontros, no sentido de pensarem as aprendizagens construídas durante estes dois encontros. Os estudantes depositaram na caixa papéis com reflexões construídas a partir de questões como: eu já tinha pensando sobre o que estudamos? Gostei? Não gostei? Qual momento dos encontros que eu mais gostei? Foi importante estudar essas questões no espaço da escola? Por quê?

Cabe ressaltar que, o personagem, para além do espaço da sala de aula, esteve presente, desde a experiência de 2016, possibilitando um desdobramento de suas histórias e dilemas adolescentes, a partir de um perfil criado no *Facebook*. Desta maneira, foram utilizadas as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), através da ferramenta *Facebook*.

### **Relato da experiência**

Os dois encontros com a turma foram marcados por grande participação e demonstração de interesse dos alunos. Os estudantes apontaram que nunca tinham discutido esse tema na sala de aula.

Durante as duas intervenções procuramos utilizar uma linguagem próxima a eles e constituir um espaço de abertura a compreensão de si e de partilha com os colegas. Observamos que as perguntas feitas por alguns alunos durante os encontros eram acolhidas com muita atenção pelos outros colegas, como se as dúvidas fossem semelhantes e o querer saber sobre corpo, gênero e sexualidade, fosse um querer coletivo.

Escolhemos trazer para a sala de aula um personagem adolescente para conversar com a turma, também adolescente. Assim, com o personagem tivemos o intuito de atuar como um conselheiro nos assuntos sobre a adolescência, ou sobre adolescências, como nos diz Quadrado (2013).

Anterior a aula, enquanto era planejada a atividade, foi construído o personagem, produzido com fibras e meia calça, seu cabelo foi feito de linha de tricô preta e foi vestido com uma blusa branca, uma calça verde e um sapato. O personagem foi apresentado a turma com a finalidade de construção coletiva de sua identidade. Os alunos escolheram o nome em uma escolha que foi definida através de uma votação.

A maioria da turma é composta por meninas, e as meninas da sala queriam para o personagem um nome culturalmente feminino. Nesta votação, o nome vencedor foi *Juliana*. Na sequência, os alunos escolheram sua idade, características, comida preferida, cor, esporte que pratica, etc. Assim, nosso personagem tornou-se: Juliana, 15 anos, gosta de comer, arroz, ovo, couve, salada de alface, cenoura, tomate e beterraba. A sua sobremesa preferida é Nutella e seus esportes favoritos é futebol e vôlei. Todos esses gostos e preferências dedicados a Juliana partiram dos alunos, após escolha do nome do personagem foi feito um questionamento direcionado a turma: Vamos construir juntos seus gostos, preferências e modos de ser?

Observamos que eles doavam a Juliana preferências que eram também suas, como forma de a personagem conter um pouco de si e, logo, acabou por conter um pouco de toda a turma. Trazemos na sequência algumas falas que foram registradas: *“Gosto de ir a festas com os amigos”* (aluno A); *“Eu gosto de festas noturnas, jogar futebol e vôlei.”*(aluno B); *“Eu gosto de comemorar datas especiais com minha família, gosto de vir para escola para estudar e conversar com minhas amigas, eu sou um pouco tímida não falo muito fico mais no meu canto, se fala comigo eu falo, se não falar eu também não puxo conversa”* (aluno C).

Através das respostas dos alunos e do objetivo formativo da proposta, foi elaborada a primeira página do diário<sup>5</sup> do personagem, agora *“Diário de Juliana”*.

*“Sou Juliana, gosto de ir as festas com meus amigos, jogar bola, comemorar datas festivas com minha família, gosto de filmes, sou um pouco tímida, mas mesmo assim adoro fazer amizades. Adoro usar boné, casacos e roupas curtas e sou um pouco bagunceira na sala de aula, mas gosto de estudar. Me parece ser complicado ser adolescente ou estar na puberdade, confesso que me confundo com esses termos... meu corpo modificou tanto e eu ainda preciso aprender a lidar com essas mudanças. Já não me sinto à vontade com as mesmas roupas, algumas brincadeiras com as quais sempre adorei brincar, hoje parece que perderam um pouco da graça, tenho me interessado por ver filmes mais românticos, que contam histórias de amor, já vi muitos diferentes, de casais diferentes, meninas que gostam de meninos, meninos que gostam de meninas, meninas que gostam de meninas, meninas que gostam tanto de meninos quanto de meninas e meninas que gostam de meninos e meninas. Eu gosto de ver, qualquer história dessas... é como se me sentisse livre para ser simplesmente a Juliana, com meus gostos, preferências, vontades, meu modo de ser... tenho agora muita vontade de melhor me conhecer, entender essas mudanças todas e as que ainda estão por vir, conhecer a diversidade existente entre todos nós... Vocês me ajudam?”*

---

<sup>5</sup> A construção das páginas do *Diário de Juliana* foi feita com base no diálogo com os alunos, escritas pela autora deste artigo, graduanda do curso de licenciatura em Ciências (FURG).

Após a leitura do “Diário de Juliana”, foi aberto diálogo para que os alunos falassem sobre as formas como tem vivenciado suas adolescências. Utilizamos os questionamentos: o que é ser adolescente? Como tem sido a adolescência? Como vocês tem vivenciado as suas adolescências? Ao final destes depoimentos da turma, os termos adolescência e puberdade, foram conceituados e diferenciados.

Ao final do encontro, foi proposto a turma, a criação de um *Facebook* da Juliana, como forma de registrar os conceitos discutidos em sala de aula, registro de fotos, bem como, espaço de partilha e diálogo mais frequente sobre a temática. Compreendemos que hoje em dia a tecnologia digital vem abrindo fronteiras, podendo constituir-se como importante recurso pedagógico.

Segundo Moran “a internet é um novo meio de comunicação, que pode nos ajudar a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender” (2000, p. 63). Considerando que o *Facebook*, pode ser usado como ferramenta educacional, construímos uma página para potencializar a interação entre a personagem Juliana e os alunos. Observamos que muitos alunos curtiram a página que intitulamos de “Sou adolescente e agora?”, até mesmo estudantes de outras turmas. Assim, nesta página do *Facebook*, a Juliana compartilhou mais alguns pensamentos e questões sobre adolescência e puberdade, convidando a turma para a conversa. Os alunos puderam revisar os conceitos trabalhados na sala de aula, estudando e tirando dúvidas junto com seus colegas e com a Juliana.

No ano seguinte, no segundo momento de encontro com a turma, agora cursando o 9ª ano do Ensino Fundamental, tivemos a oportunidade de levar a Juliana para reencontrar a turma. Agora, o intuito era, após compreensão da adolescência, construir aprendizagens acerca do estudo de gênero e de sexualidade. Neste encontro, uma nova página do “Diário de Juliana” foi lida a turma, o qual trazia

*“Meu sexo biológico é feminino, nasci e meus pais escolheram o meu nome Juliana. Na adolescência estou descobrindo a minha orientação sexual, ainda estou descobrindo formas de me conhecer...”.*

Este trecho do diário, possibilitou debater acerca dos conceitos de sexo, de gênero e de orientação sexual. Historicamente e culturalmente na sociedade, o ser menino ou menina é determinado desde o nascimento, os estereótipos de gênero tratam os meninos como os mais fortes, que gostam de azul, que jogam futebol, que não choram. A menina usa roupa rosa, brinca de boneca e pode chorar. Porém, com a

evolução das discussões sobre gênero e sexualidade estão sendo desnaturalizadas essas formas de compreensão.

Para Butler (2003), nós não nascemos homens e mulheres, nem simplesmente nos tornamos – num determinado momento – homens e mulheres, mas nos fazemos homens e mulheres todos os dias, quando andamos de um determinado jeito, falamos de uma determinada maneira, usamos determinadas roupas, construímos o nosso corpo de um determinado modo, sempre referenciados a uma norma hegemônica de gênero.

Por isso, os LGBTs na maioria das vezes são tratados com homofobia, pois a sociedade não compreende estes sujeitos, com medo de perder a identidade de gênero. Segundo Castro, Abramovay e Silva (2004), muitas pessoas que dizem não se reconhecerem preconceituosas, afirmam o desejo de que o homossexual se mantenha distante, e que não insinue que eles podem ser iguais ou parceiros de relacionamento.

Para mudar essas concepções, a escola necessita criar um espaço em que os alunos possam dialogar sobre a orientação sexual e de gênero para abolir com o preconceito e compreender e respeitar sua transformação biológica. Ademais, a escola tem o compromisso de construir aprendizagens sobre sexualidade, mostrar que menina pode gostar de azul e que menino pode chorar.

A seguir, no encontro com a turma, passamos para o momento das “*Enquetes do Diário de Juliana*”, construídos a partir de uma adaptação do texto de Silva (2013), conforme Figura 1.

Figura 1: Enquetes do Diário de Juliana

## ENQUETES DO DIÁRIO DE JULIANA...

SILVA, Benícia Oliveira. Se fosse comigo, eu... In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. (Orgs.) **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

"Um amigo meu pediu para que eu 'fizesse os lados' dele com uma amiga minha, acontece que a menina 'esculachou' o meu amigo e disse que jamais ficaria com ele e agora ele está esperando uma resposta minha e não sei o que dizer."

"Minha mãe é muito legal, mas tão legal que quando meus amigos vão a minha casa acabam prestando mais atenção nela do que em mim. Não agüento mais isso!

"Acho que meu amigo é homossexual, mas percebo que ele tem vergonha de se assumir. Eu gostaria de ajudar, mas não sei como agir."

"Acho que meus pais ainda não perceberam que não sou mais criança e que preciso de espaço. Eles vivem escutando minhas conversas ao telefone e entram no meu quarto sem bater. Não sei o que fazer para que eles respeitem minha privacidade."

"Meus pais resolveram implicar com meus novos amigos e vivem dizendo que eles não são companhia para mim. Cansei de brigar com eles e já não sei mais o que fazer."

Fonte: Adaptação do texto de Silva (2013).

Para além das enquetes propostas, surgiram novas questões por parte da turma. As meninas reclamaram que suas mães querem saber com quem elas “ficam” nas baladas e querem investigar quem é a família do rapaz. Já os meninos da sala, disseram não ter esses problemas, alegando que os seus pais são mais liberais.

Neste diálogo surgiram desabaços como: *“Meu pai deixa meu irmão fazer tudo, eu nada”*; *“ Eu queria que meus pais confiassem mais em mim”*. Ambos expostos por alunas da sala. Esses trechos exemplificam o espaço de abertura à conversa que aconteceu nesse encontro. Os alunos perceberam nas enquetes, situações reais, se imaginaram nas determinadas situações e complementaram com desabaços. As falas das alunas nos fazem refletir sobre as determinações das formas de ser menino e menina e a criação diferenciada que é dada pelos pais.

Evidenciamos que os estudantes concebem um padrão da sociedade na qual eles discordam em seguir, colocando que cada ser humano tem um perfil, na qual eles se constituem da forma que querem ser, o que querem vestir, usar e falar. Sendo assim, a escola deve ser um espaço cultural em que os alunos podem dialogar, confrontar diferentes concepções e modos de significação do mundo, o que inclui o sentido para sexualidade, para gênero e para si mesmo.

Cabe ressaltar que, neste segundo momento de experiência com a turma, a página do *Facebook* “Sou adolescente e agora?” continuou ativa, trazendo agora, as questões sobre gênero e sexualidade, através dos conceitos de sexo, identidade de gênero e orientação sexual.

Ao término do nosso segundo encontro com a turma, construímos nossa caixa avaliação, onde encontramos depoimentos que demonstram os sentidos construídos sobre este estudo. Os trechos que serão apresentados na sequência foram digitados conforme foram escritos pelos alunos, sem a identificação de seus nomes.

*“Eu já ouvi falar sobre esse assunto mas não tinha estudado, porque também é muito bom saber sobre os gêneros e etc” (aluno A)*

*“Sim. Goste. É muito útil saber sobre gênero e eu acho que nenhuma professora tenha pensado em dar uma aula desse assunto, então foi muito legal da sua parte, professora” (aluno B)*

*“Tinha muitas dúvidas sobre as diferenças entre sexo e gênero” (aluno C)*

*“Gostei. Sempre é bom aprendermos mais sobre esses assuntos” (aluno D)*

*“Nunca tinha entrado a fundo ou debatido sobre isso” (aluno E)*

Os trechos acima, demonstram que o estudo sobre corpo, gênero e sexualidade surgiu como novidade para os alunos, pois devemos não só discutir o entendimento da sexualidade de maneira biológica, mas entendê-la como é construída historicamente, socialmente e culturalmente, através do corpo. O adolescente precisa aprender que ser homem e ser mulher são construções feitas desde o nascimento, ocorrendo muitas transformações, pela família, social, escola, mídia e religião.

A escola é um dos locais em que podemos possibilitar a problematização e o debate sobre esta construção, sobre gênero, sobre corpos e sobre sexualidades. Todavia Souza (2013) nos fala que as discussões nas escolas centram suas abordagens nos conteúdos sobre reprodução humana, na constituição dos sistemas genitais masculino e feminino, sobre os métodos contraceptivos e as doenças sexualmente transmissíveis, desconsiderando o debate sobre a construção social e cultural. Dessa forma, os conteúdos não são abordados em diálogo com os alunos, com suas dúvidas, inquietações e problematizações. Os conteúdos mostram-se generalistas, como se todos os corpos pudessem ser estudados como iguais.

Além disso, percebemos que atualmente os temas sobre homossexualidades não se tornaram assuntos debatidos recorrentemente nos espaços da escola, o que pode gerar ainda atitudes de discriminação e desrespeito. Precisamos mudar este cenário, deixar de tratar a sexualidade na escola como um “tabu”, ampliando nossos debates acerca dos temas que fazem parte do cotidiano dos estudantes.

## **Considerações**

Nossa experiência na escola foi atravessada pelas questões vinculadas a sexualidade. Sendo assim, pudemos perceber que hoje em dia as questões culturais que envolvem a temática sobre corpos, gêneros e sexualidades podem ser abordadas na sala de aula, assim como aprofundadas com outros conteúdos, como os aspectos que envolvem a adolescência, a homofobia, o respeito à diversidade, etc.

A sexualidade é um tema importante que deve ser discutido na escola, não apenas o corpo biológico, que são determinados nos programas curriculares, especialmente nos livros didáticos, mas o corpo como uma construção biossocial relacionado ao ensino de ciências. Essa forma de pensar o corpo vem marcando, intensamente a adolescência, pois é nesse momento que as mudanças biológicas e fisiológicas estão em evidência.

Falar sobre as questões de corpo não é algo simples, pelo fato dele ser constituído historicamente, culturalmente e socialmente. Por isso, ressaltamos a necessidade de abordar com os adolescentes nas aulas de ciências este tema, considerando seus anseios e questionamentos acerca do assunto.

Assim, através da experiência vivenciada, entendemos que o estudo da sexualidade é temática que anda junto com o ensino de ciências. Podemos realizar uma prática docente a partir de uma nova perspectiva na sala de aula, em que novos saberes são construídos, como foi o caso da criação da personagem adolescente intitulada de Juliana e o seu diário. Reconhecemos que ao problematizar assuntos que estejam relacionados à adolescência, como o corpo, o gênero e a sexualidade, podemos promover mudanças na sala de aula e na sociedade, evitando discriminações e desrespeito, pois a educação é o ponto essencial para a sobrevivência da nova geração.

### **Referências bibliográficas**

BUTLER, Judith. **Problema de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

QUADRADO, Raquel Pereira. A adolescência como construção sociocultural e histórica. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (Orgs.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio grande: FURG, 2013.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

SANT'ANNA, DeniseBernuzzi de. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SILVA, Benícia Oliveira. Se fosse comigo, eu. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (Orgs.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio grande: FURG, 2013.

SOUZA, NadiaGeisa Silveira de. O corpo como uma construção biossocial: implicações no ensino de ciências. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira (Orgs.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. Rio grande: FURG, 2013.